ISSN: 2358-8829

SOLTANDO O VERBO: DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS PARA A PRÁTICA CONSCIENTE DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Shirley Monteiro Campos Nunes [1]

Palavras-chave: Oralidade, Linguagem falada, Gêneros orais, Contextos de Produção e Recepção, Prática planejada e sistemática.

INTRODUÇÃO

A capacidade de uso da linguagem, de forma consciente e reflexiva, desde sempre, mostrou-se como aspecto que põe o humano em uma posição distinta e superior dentre outros seres. Diante disso, reconhecer as possibilidades para o efetivo uso desse mecanismo comunicativo, bem como identificar os elementos que influenciam nas escolhas para tal fim, reforça a necessidade de tratar com importância todas as formas de expressão linguística, sem cair no erro de valorizar uma em detrimento da outra.

Consciente da complexidade para o ensino da Língua Portuguesa, nos espaços escolares, atualmente, e, ainda, das lacunas que, não raro, ficam evidentes, especialmente no trato dado ao eixo da oralidade, este texto resulta de reflexões advindas de vivências no chão da sala de aula, as quais revelaram lacunas na aplicação de exercícios com a linguagem oral. Tais atividades foram realizadas junto a estudantes das 1ªs séries A e B do ensino médio da Escola Cidadã Integral Francisco Romano da Silveira, localizada no município de Mãe D'água, cuja lotação está na 6ª Regional de Ensino da Rede Estadual da Paraíba.

Durante a investigação, buscou-se refletir sobre a importância da formação de um sujeito autônomo e capaz de fazer uso dessa modalidade de expressão linguística, considerando, para tanto, os diferentes contextos de produção e gêneros em questão. Para tanto, tomaram-se como fundamentos teóricos as reflexões trazidas, sobre a linguagem oral, pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por Schneuwly e Dolz (2013), bem

[1]Mestre do Profletras da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, smc.montcamp@gmail.com;

como por atividades propostas no livro didático do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) adotado pela escola e nos subsídios produzidos pela rede estadual de ensino da Paraíba.

De acordo com a BNCC, a oralidade constitui uma prática de linguagem que deve ser trabalhada em situações reais e diversificadas de interação, contemplando tanto a produção quanto a compreensão dos textos orais e promovendo o desenvolvimento da escuta ativa, da expressão e da adequação da linguagem aos diferentes contextos comunicativos (BRASIL, 2018, p. 78-79).

Nessa perspectiva, durante as aulas de Língua Portuguesa, considerando as experiências vividas, cotidianamente, foi possível observar e analisar que muito precisa ser feito para que práticas reais e diversas com a linguagem oral se façam conscientes e adequadas à situação comunicativa. Em virtude dessa realidade é que se elaborou o seguinte questionamento: *quais os principais desafios para o uso consciente da oralidade?* Para identificarmos isso, precisamos responder a dois questionamentos, ao primeiro imbricado, a saber: *em que situações, na escola, essa forma de linguagem é exercitada e como os estudantes respondem a tal exercício*?

Assim, no intuito de responder aos questionamentos referidos, elaboramos como objetivo geral da pesquisa: *identificar os principais desafios para a realização de atividades embasadas no uso da linguagem oral*. Como ações para a concretização deste, pensamos os seguintes objetivos específicos: promover práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da oralidade, considerando diferentes gêneros e situações discursivas; realizar rodas de conversa, debates e seminários a fim de ampliar a capacidade de expressão oral de opiniões, sentimentos e ideias; fazer atividades de síntese e relatos orais;

Essa é uma pesquisa quati-qualitativa, por seu caráter descritivo e explicativo, visto o levantamento das opiniões e crenças através da coleta de dados, por meio da aplicação de questionário e da observação, bem como a identificação de fatores que contribuem para a ocorrência da problemática (GIL, 2002); e participativa, pois os agentes da pesquisa - professora e estudantes representativos do problema investigado- estiveram envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLENT, 2004).

A relevância desse estudo se dá por possibilitar, aos leitores interessados nas reflexões sobre o uso da linguagem oral de forma consciente, no dia a dia das práticas escolares, melhor compreensão dos desafios identificados e, quiçá, uma nova postura

frente às situações em que tais exercícios são propostos, o que pode ser evidenciado, durante o processo investigativo, cuja análise dos dados promove a compreensão dos resultados alcançados, e aplicado nas diversas vivências como falante que sabe adequar a oralidade aos diferentes contextos de produção e recepção da língua falada.

METODOLOGIA

No intuito de encontrar respostas aos questionamentos que motivaram a nossa investigação, durante o percurso, foram aplicados questionários com os estudantes das 1ªs séries A e B da Escola Cidadã Integral Francisco Romano da Silveira, localizada no município de Mãe D'água, cuja lotação está na 6ª Regional de Ensino da rede estadual da Paraíba. Os questionamentos feitos nos ajudaram na coleta de dados importantes para a análise detalhada que nos conduziu aos resultados e considerações aqui postos.

A pesquisa foi feita mediante a utilização de formulário virtual, pois entendemos que tal estratégia otimizaria o tempo e possibilitaria maior espontaneidade, visto a liberdade da não identificação dos mesmos. Assim, foram elaboradas perguntas que buscaram contemplar aspectos próprios das experiências que têm com essa forma de linguagem.

Ademais, no desejo de encontrar respostas aos questionamentos motivadores da nossa investigação, fez-se uso, durante o percurso, de instrumentos de investigação como atividades para a produção do discurso oral, as quais nos permitiram analisar o domínio ou não, pelos estudantes, dessa linguagem, bem como identificar as principais dificuldades para desenvolver tais práticas. Essas vivências foram importantes para a análise e conclusão a que chegamos após a sua observação detalhada.

Buscamos motivar a participação dos alunos e torná-los conscientes da importância colaborativa que têm para a realização das atividades, cujo objetivo é levá-los a reconhecer não somente os benefícios advindos do bom uso da linguagem oral, em diversificadas situações da sua vida, mas, sobretudo, as possibilidades de aprender como melhor utilizar a oralidade em ocasiões sistematizadas em sala de aula.

Identificamos, durante as atividades propostas, situações que fragilizavam esse entendimento e uso. Dentre estas, a sobreposição do ensino de atividades dos demais eixos estruturantes da língua. Desse modo, compreender a importância de,

sempre que necessário, replanejar rotas e ministrar aulas que atendam às necessidades de cada falante envolvido, permitiu experiências sistematizadas com gêneros como debate regrado, roda de conversa e entrevistas, por exemplo. Tais atividades de produção oral foram planejadas conforme o que orienta a BNCC, mas também o que é proposto no livro didático ofertado pelo PNLD, e desenvolvidas conforme propõe Schneuwly e Dolz (2013).

A análise dos resultados foi realizada considerando o que mostraram as atividades mediadas pela professora, definindo, assim, como *Muito bom***,** *Bom* ou *Insatisfatório* o nível de competência dos alunos. Tais nível eram identificados mediante a participação ativa, mediana e baixa nos exercícios propostos. A atribuição de cada nível considerou os conceitos seguintes, a partir dos critérios definidos abaixo:

- *Muito bom* – É considerada com nível *Muito Bom* a turma que obtiver, nesse processo, mais de 60% das atividades propostas respondidas em conformidade com o que se propunha, a exemplo da clareza, organização e coerência das suas falas.
- *Bom* - É considerada com nível *Bom* a turma que conseguir atingir de 40% a 60% de participação ativa nas atividades orais propostas.
- *Insatisfatório* - É considerada com nível *Insatisfatório* a turma que atingir menos de 30% de participação nas atividades orais propostas.

A análise dos dados foi realizada considerando não somente as respostas trazidas pelos participantes da pesquisa, mas também as leituras feitas, as quais serviram para o embasamento das reflexões trazidas aqui.

REFERENCIAL TEÓRICO

A comunicação, desde sempre, apresenta-se como uma necessidade humana. As primeiras civilizações, por exemplo, antes da invenção da escrita, utilizaram a oralidade para interagir nos grupos, possibilitando, desse modo, que as suas histórias e cultura fossem conhecidas e partilhadas entre as gerações. Desse fato, torna-se evidente a importância que a linguagem oral tem para potencializar as relações interpessoais e sociais.

Contrariamente, sabe-se que a escolar, espaço responsável por favorecer a compreensão do bom uso das linguagens, não tem disponibilizado ao eixo da oralidade o

espaço e o tempo que ele merece, desenvolvendo, muitas vezes, práticas pedagógicas preocupadas com exercícios de leitura, escrita e/ou análise linguística/semiótica, embora a linguagem oral seja apontada, em diversificados documentos normativos e orientadores das práticas de ensino, como uma estrutura linguística que exige do seu usuário conhecimento e adequação aos diferentes contextos de uso.

Segundo a BNCC,

> a oralidade constitui uma prática de linguagem que deve ser trabalhada em situações reais e diversificadas de interação, contemplando tanto a produção quanto a compreensão dos textos orais e promovendo o desenvolvimento da escuta ativa, da expressão e da adequação da linguagem aos diferentes contextos comunicativos (BRASIL, 2018, p. 78-79).

Em conformidade com essa ideia, é preciso que, no dia a dia da sala de aula, o professor organize, oriente e realize atividades com gêneros da oralidade como debates, entrevistas, seminários, rodas de conversa, entre outros, de modo a tornar os estudantes proficientes para o uso dessa linguagem nas diversas situações do cotidiano. Assim, prepará-los para serem capazes de expressar opiniões, ideias, sentimentos e argumentos oralmente, de maneira organizada e lógica, bem como para desenvolverem a escuta ativa e o respeito à fala do outro são exercícios que exigem planejamento e execução sistemática de atividades com tais gêneros.

Entretanto, o pensamento neoliberal fortalece, cada vez mais, práticas de ensino alicerçadas na busca por resultados quantitativos, os quais advém da aplicação de avaliações externas e internas, as quais, quase sempre, exigem a resolução de questões escritas que contemplam, especialmente, o conhecimento dos três eixos prioritários já referidos, ficando, pois, a oralidade como uma prática que se desenvolve sem grandes exigências, uma vez a liberdade e espontaneidade com que é tratada.

Em virtude dessa realidade, muitas vezes, os professores, pressionados por um modelo educacional preocupado com número, carecem ceder a tais cobranças e colocam em segundo plano práticas que, plenamente, reconhecem serem fundamentais para a formação exigida ao seu estudante quando ocuparem outros cenários além dos muros da escola. Dentre essas experiências se encontra o trabalho sistemático da oralidade.

> (...) nas inúmeras situações sociais de exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola – a busca por serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões – os alunos

ISSN: 2358-8829

> serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros orais (...). A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (PCNs 3º e 4º ciclos. Ano... p. 25. apud Schneuwly e Dolz, 2013. p. 11)

Assim, diante desse entendimento, fica claro o quão necessário é o fortalecimento de atividades pedagógicas que ensinem aos estudantes o uso da linguagem oral, visto a sua potencial contribuição para que ocupem diversificados espaços sociais, auxiliando-os a se expressarem com competência de modo que as suas vozes sejam ouvidas, compreendidas e validadas pelos seus interlocutores.

> as estratégias de ensino supõem a busca de intervenções no meio escolar que favoreçam a mudança e a promoção dos alunos a uma melhor mestria dos gêneros e das situações de comunicação que lhes correspondem. Trata-se, fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir. (Schneuwly e Dolz, 2013. p. 45)

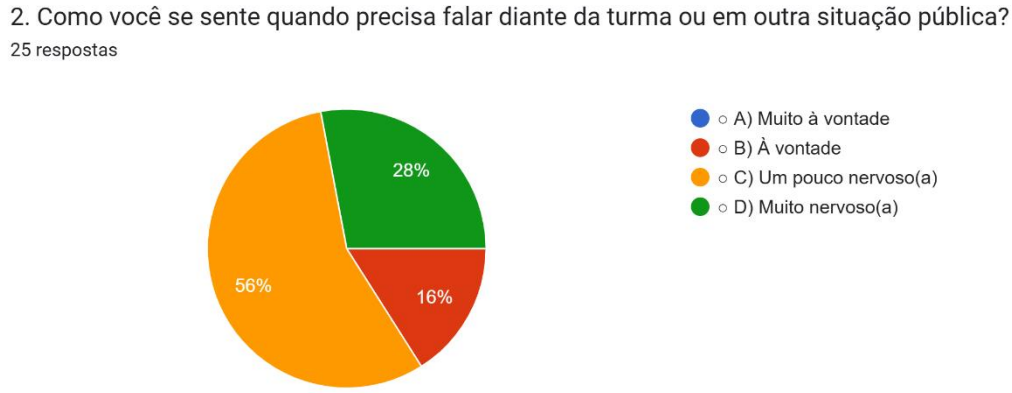
Portanto, compreender que a linguagem oral não deve ser posta em segundo plano, mas, sim, trazida como eixo potencializador de várias práticas de linguagem durante as aulas, fará que estes exercícios sejam acolhidos de maneira legítima e comprometida pelos que os realizam. Nessas ocasiões serão desmistificados os julgamentos que, vez ou outra, tomam essa prática como uma atividade não exigente de planejamento e propósitos, passando a entendê-la, definitivamente, como uma atividade que deve ser ensinada e praticada para que melhor haja o aprendizado e a execução da mesma.

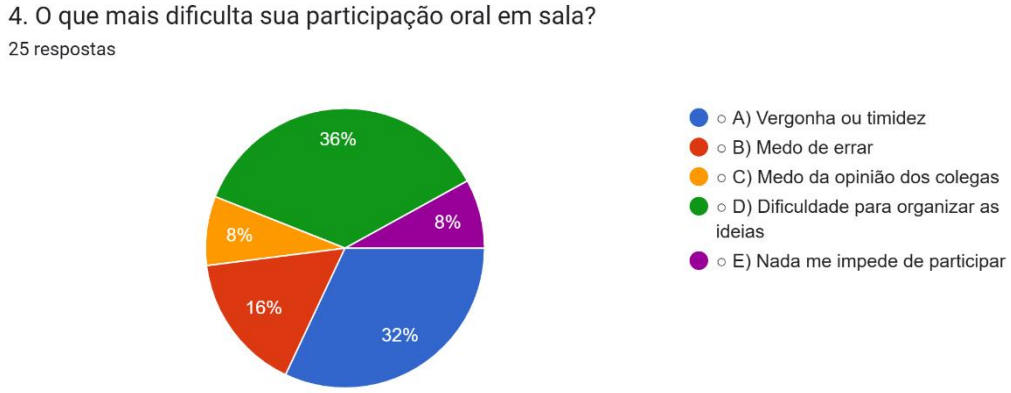
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da investigação, que buscou respostas aos questionamentos levantados, foram realizadas atividades com estudantes das 1ªs séries A e B da Escola Cidadã Integral Francisco Romano da Silveira, localizada no município de Mãe D'água, cuja lotação está na 6ª Regional de Ensino da rede estadual da Paraíba.

Dentre essas atividades, os estudantes responderam a um questionário cujo objetivo era identificar o que pensavam a respeito do uso da linguagem oral, considerando a sua importância, o preparo necessário para usá-la e, ainda, quais propostas de atividades poderiam auxiliá-los nessa prática. A partir da análise das respostas trazidas por um

universo de 25 respondentes (já que nem todos responderam ao questionário) obtivemos os seguintes resultados:



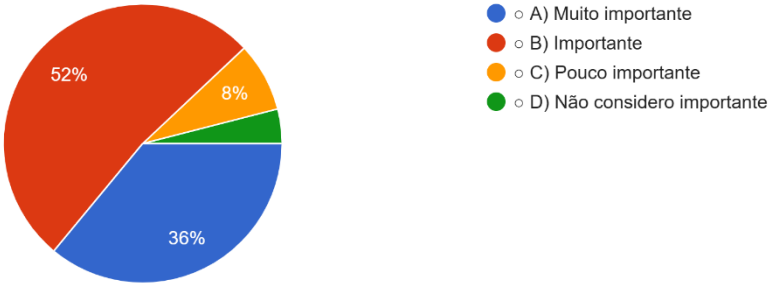


Perguntados sobre como costumam se sentir ao falar em uma situação pública, mesmo que em um contexto familiar, como a própria turma escolar, 56% revelaram se sentirem nervosos, 16% à vontade e 28% muito nervoso. Ainda nesse contexto, ao serem perguntados a respeito do que mais dificultava essa capacidade expressiva 36% revelaram dificuldades para organizar as suas ideias, 32% por timidez ou nervosismo, 16% por medo de errar, 8% disse ter medo da opinião dos outros e, somente, 8% revelou segurança nesses momentos.

Embora isso, os gráficos seguintes apontam o nível de conscientização dos estudantes sobre a importância da linguagem oral, as características de uma boa expressão oral e, ainda, como poderiam ser ajudados para melhorar essa estratégia comunicativa:

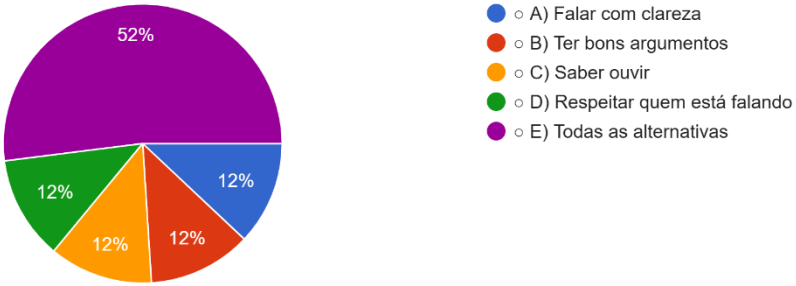
6. Você considera importante saber se expressar oralmente?

25 respostas



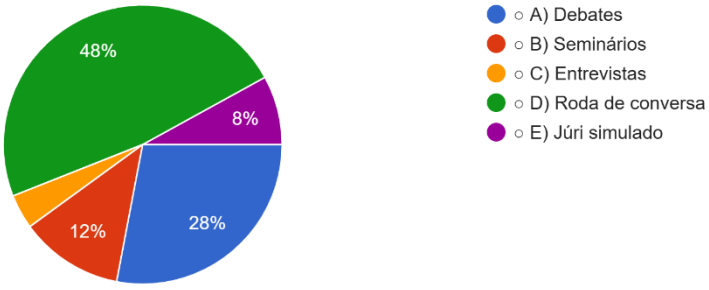
11. O que você acha mais importante em uma boa comunicação oral?

25 respostas



13. Qual atividade ajudaria você a desenvolver melhor sua comunicação oral?

25 respostas



Os dados mostram que 36% julgam a expressão oral como muito importante; 56% importante e somente 8% disse ser pouco importante. 12% respondeu que, para se comunicar bem, oralmente, é necessário clareza, bons argumentos, escuta atenta e respeito. Já 52% disse que todos esses fatores importam. Quando questionados sobre as atividades que auxiliariam nesse desenvolvimento, obtivemos os seguintes resultados:48% rodas de conversa, 28% debates, 12% seminários e 8% júri simulado.

Após essa investigação inicial, iniciamos a aplicação sistematizada dessas atividades, considerando a elaboração de Sequências Didáticas, propostas por Schneuwly e Dolz (2013), visto servirem como instrumentos capazes de guiar as intervenções pedagógicas do professor. Durante essas aplicações foi possível identificar que as turmas assumiram perfis bastante distintos para o entendimento e aplicação das atividades com textos do gênero oral.

Ao realizarmos debates e rodas de conversa sobre temas de natureza social e do interesse dos estudantes, como as Big Techs, por exemplo, percebemos, além do trabalho do professor de Língua Portuguesa, outros componentes curriculares podem favorecer a construção de repertórios socioculturais. A leitura, debate e formação crítica promovidas durante as aulas de História, Sociologia, Geografia e Filosofia, dentre outras, são essenciais para que o pensamento crítico-reflexivo dos estudantes seja fortalecido e, desse modo, facilitada a desenvoltura na hora da expressão dos gêneros orais trabalhados.

Dessas experiências vividas e observadas, constatamos que nenhuma das turmas investigadas atingiu o nível *Muito bom* de participação. Já para o nível *Bom*, foi atingido por 48% da turma A e 22% da turma B 22%, visto que conseguiram participar bem, trazendo clareza, organização e coerência em suas falas. Entretanto, 52% na turma A e 78% na turma B não participaram das atividades propostas de maneira ativa, mantendo-se silenciados durante a maioria do tempo em que tais atividades eram desenvolvidas, atingindo nível *Insatisfatório* de participação.

Esses resultados revelam que, por mais que as salas de aula, em boa parte do tempo, sejam tomadas por conversas constantes, as mesmas se revestem de silêncio quando os estudantes são convidados a falarem de maneira organizada e com propósitos comunicativos. Tal realidade evidencia que muito precisa ser feito para que este cenário possa ser alterado e, consequentemente, o aprendizado de alguns gêneros orais se efetivem e, possibilitem, pois, o alcance a espaços sociais para além da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar atento para o eixo da oralidade, significou o reconhecimento e a confirmação de que essa modalidade da língua deve ser trazida, de modo planejado e sistematizado, com mais constância para as aulas, visto as possibilidades que traz para a inserção dos seus usuários nos reais contextos de uso.

As experiências vividas como professora de Língua Portuguesa e a percepção dos entraves nas práticas com a língua falada, apresentada, por vezes, de forma superficial e assistemática, em sala de aula, levaram-nos a identificar na prática planejada, com base nos gêneros textuais, condições de promover o entendimento e a aplicação consciente dessa linguagem pelos estudantes.

O objetivo de identificar os principais desafios para o uso da oralidade, levou-nos a criar instrumentos favoráveis às respostas desejadas. Para tanto, baseando-se, sobretudo, nas considerações trazidas pela BNCC (2018) e nas percepções de Schneuwly e Dolz (2013), dentre outras, as atividades de investigação elaboradas e aplicadas reafirmaram o que já percebíamos no início da investigação: os alunos, embora reconheçam a importância de saberem se expressar oralmente e os mecanismos que facilitariam o desenvolvimento dessa prática por eles, não se mostram preparados e confiantes para participarem bem de atividades com a linguagem oral.

Sem pretensões de resolver os problemas e entraves existentes com a modalidade oral da língua, no universo da sala de aula, desejamos despertar reflexões sobre a importância que a expressão oral tem na vida real dos estudantes e, sobretudo, aguçar o desejo de se pensar em estratégias pedagógicas que possam ser utilizadas nos espaços escolares para que a realidade aqui apresentada seja ressignificada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. ***Base Nacional Comum Curricular***. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. **Identidade Saraiva: Língua portuguesa: Linguagens e suas tecnologias 1: Ensino médio: 1º ano: volume 1**. 1. ed. São Paulo: Saraiva Educação, 2024.

GIL, Antônio Carlos. ***Como elaborar projetos de pesquisa***. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

https://paraiba.pb.gov.br/arquivos/pdfs/PropostaCurriculardoEnsinoMdiodaParabaPCEMPB23.pdf.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim**. *Gêneros orais e escritos na escola***. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

ISSN: 2358-8829

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004. 108 p.